

linhas

#2 2016

revista
sobre **cultura**
eletroacústica

sumário

03 **editorial**
Alessa e Flora Holderbaum

05 **um fim-de-semana em tietê e cerquilha**
Rui Chaves e Tiago Costa

17 **trazendo a técnica, trazendo à técnica**
Caio Kenji

19 **a mão invisível me faz carinho quando quer algo para comer**
Lucas Rodrigues Ferreira

21 **the shaggs - philosophy of the world**
Henrique Iwao

28 **dáctilo-imagens**
João Reynaldo

editorial

Alessa e Flora Holderbaum

Saudações!

A linda avança em sua segunda edição (#2) deste ano 3!

Em meio a um clima nacional de jornadas políticas, polarizações extremas, discursos sobre impeachment, golpe, lava-jato e jogadas de um acréscimo infinito, a gente continua no trabalho colaborativo, tentando descobrir os sons, imagens e cositas más, que nos chegam desde esta cultura sonora eletroacústica estranha experimental brasileira que nos circunda...e além...

Pois, cá estamos numa edição concentrada. Temos o primeiro fruto da coluna colaborativa organizada por Flora Holderbaum: o texto de Rui Chaves e Tiago Costa, um relato polifônico de gravações de campo (field recordings), que Rui compartilha como parte processo de pesquisa que ele está constituindo num possível arquivo sobre arte sonora brasileira.

Henrique Iwao continua sua série de resenhas, agora sobre o álbum *Philosophy of the World*, do grupo The Shaggs, que seriam lembradas por “tocar especialmente mal, certo”, e “gaguejar o rock de 1960”. Coisas sempre interessantes para esta linda e estranha revista de cultura eletroacústica!

Caio Kenji fala de hedonismo digital e suas implicações na forma de se fruir, ou desprezar, uma obra; opensource e seu motor coletivo apontando outras relações sociais.

E Lucas dá o tom do momento não menos peculiar de nossa cena psico-social experimental, rodeada de con(tra-pro)d(i-u)ções entre arte e mercado!

Contamos com as d actilo-imagens gentil e especialmente cedidas para a linda por João Reynaldo, com assessoria de edição de Marcela Lucatelli.

Lembramos que manteremos as inscrições para a residência artística linda para o mês de maio, abertas até dia 20 de abril. Confira a chamada!

Desejamos a todxs uma ótima leitura e lindas escutas!

um fim-de-semana em tietê e cerquilha

Rui Chaves e Tiago Costa

Introdução por Rui Chaves

Em meados de Dezembro, a Flora Holderbaum desafiou-me a escrever um artigo para a revista linda. Aceito o desafio e replico que tenho a vontade de fazer algo à volta do meu projeto de pesquisa atual: a criação de um arquivo on-line dedicado à apresentação e mapeamento de artistas sonoros brasileira(o)s.

‘Um possível arquivo de arte sonora brasileira realizado entre 2016-2017’

O título deste projeto explicita uma dimensão prática e conceitual deste arquivo. Uma, é que este é um processo delimitado temporalmente e que constitui um ‘snapshot’ do trabalho existente neste período. O outro, é que parte das estratégias utilizadas e o trabalho incluído e apresentado, reflete a subjetividade do ‘arquivista’ e o seu posicionamento relativo ao imaginário conceitual e prático das ‘artes sonoras’. Algo que extravasa de uma discussão puramente estética, para algo que enquadra um contexto econômico, social, político e material. Não quer dizer que não haja espaço para uma dimensão centrada no campo estético, sendo existe uma preferência por uma abordagem que foca na ideia de uma sensibilidade: uma preocupação com o meio sonoro que pode ter uma expressão interdisciplinar (dança, texto, performance, teatro e inclusive música) e que transborda algumas discussões de fronteiras entre música e artes visuais.

O outro elemento, é que esta plataforma visa coletar elementos que possam constituir uma historiografia e reflexão alternativa a narrativas existentes que focam numa realidade euro-americana. Ao fazer isto, espero poder contribuir para uma abordagem cada vez mais fluída do que é fazer ‘arte sonora’.

É neste enquadramento que o arquivo se centra à volta de duas ações: a criação de um ‘mapa’ de artistas e práticas associadas; e um ‘processo’ de trabalho de campo (até ao final de 2016) donde o ‘arquivista’ tenta capturar junto de uma seleção de artistas, relatos do fazer artístico no campo das ‘artes sonoras’. Este material é publicado em formato de blogue em paralelo ao mapa, auxiliado pela captura de outros materiais que retratem o processo criativo de cada artista: fotografias, textos, pautas, vídeos, gravações áudio.

A articulação desses dois elementos articula uma dimensão crítica relativa à ideia de arquivo: não só como um repositório de trabalhos, mas como um processo dinâmico onde o arquivista promove atividades que visam capturar tanto o discurso direto dos artistas sonoros como a relação destes com o ‘arquivista’.

É nesse contexto, que se segue a seguir um relato ‘polifônico’ de um exercício de ‘field recording’ que realizei com o artista Tiago Costa na cidade de Tietê (SP). Temos assim, duas percepções diferentes da experiência. Este é um exemplo possível do ‘processo de trabalho de campo’ realizado no arquivo.

A plataforma online com o domínio nendu.net (nendu é tupi para ouvir-se) ainda está em construção. Quando o projeto estiver finalizado, essa informação será atualizada aqui.

Apoio da FAPESP, Projeto 2014/15978-9



RUI CHAVES:

DIA 1

Marco um encontro com o Tiago na estação de metro Barra Funda, para apanharmos um ônibus para Tietê. Este encontro resulta de contatos e da vontade deste de gravar o som de cigarras na sua cidade natal. Este também estava interessado em usar os microfones binaurais, que acaba por ser o formato donde fazemos as gravações que realizamos no fim-de-semana de 29 a 31 de Janeiro (2016). A explicação de como estes microfones funcionam vai gerar uma série de conversas donde eu tento explicar como este formato funciona — provavelmente de uma forma muito pouco precisa.

Acordo cedo, e carregado com todo o material de gravação, viajo ainda de noite para a estação. Ao chegar, encontro já um lugar vivo. Tomo um café de manhã e ainda com fome tomo outro. Como sempre, chego sempre cedo demais e procuro as informações de forma a tentar encontrar a catraca da rodoviária. Felizmente, o Tiago chega cedo também e em breve recebo uma mensagem de texto deste a dizer-me que já tinha comprado os bilhetes.

Encontramo-nos e começamos a conversar. A conversa vai fluir de forma constante durante o meu período com o Tiago. Ele é um artista com uma vasta experiência profissional em pós-produção áudio e está bastante interessado/atento/ativo na cena de música experimental paulistana. Este conhecimento gera entre nós vários momentos de risota: ao fazer ‘fofocas’ e comentar determinadas personagens da cena.

A conversa continua adentro no ônibus — que é quebrada por um breve elogio meu ao sistema de ar condicionado do veículo — que se encontra bastante moderado. Qualquer pessoa que tenha viajado de ônibus no Brasil, sabe do frio

que-se passa em viagens de longa duração. Nesse fluir verbal, vislumbro ao nos afastarmos da cidade, uma paisagem que corta com a minha vivência e experiência diária em São Paulo. É difícil ver o horizonte nessa cidade.

Passamos por uma terra com um nome estranho e engraçado para mim – Boituva!

A cidade (Boituva) é bastante conhecida pelas suas atividades de parapente. Num comentário rápido feito algures durante este fim-de-semana, descobro que o Tiago tem medo de alturas e que não tem grande vontade de voar nas alturas. Eu concordo. É também durante a paragem nessa cidade, que o Tiago me fala de uma tradição musical regional que se chama ‘Cururu’: uma forma de duelo entre violeiros, que a mim se assemelha a uma ‘rap battle’:

Este comentário gera um sorriso na cara do Tiago, que é reforçado pela minha incapacidade de dizer a palavra de forma correta: Pururu, Cururuca, Pururuca.

Chegamos a Tietê cedo e cheios de sono. À primeira vista, a cidade tem uma dimensão e escala que contrastam com São Paulo. A altura da cidade é pequena, pontuada por alguns condomínios que destoam da paisagem predominante. A estação de ônibus tem um pequeno boteco e pouco mais. O tempo está nublado, mas o Tiago diz-me que a cidade é muito mais quente e seca que São Paulo.

Este também me diz que a imigração italiana é bastante presente na cidade, assim como festejos de cariz religioso. Cedo chega a mãe do Tiago e encontro uma pessoa de uma simpatia enorme.

Na casa do Tiago tomo o terceiro café da manhã. Com algum esforço e excitação saímos para visitar alguns putativos locais para gravação. Esses locais ficam muito perto da casa do Tiago – fico impressionado com a relativa qualidade ‘hi-fi’ da paisagem sonora. Para quem não sabe, este termo vem do autor e compositor R. Murray Schaeffer que criou um campo de ativismo/pesquisa chamado de ‘ecologia acústica’. Este criou uma distinção entre sonoridades

‘hi-fi’, – normalmente relacionadas com sons da natureza – e ‘lo-fi’, – sons da cidade, indústria e etc.

Não sei se concordo com essa dicotomia ou visão da ‘ecologia’, mas para além de um som caracterizado por pássaros, insectos e algumas motas a passar; um cheiro pungente a esgoto perfuma o nosso passeio.

Da nossa vista também nunca escapa casas com uma arquitetura que me faz lembrar outras regiões do mundo. O Tiago aproveita e fazemos uma gravação usando os microfones binaurais. Este faz uma pequena rota e grava diferentes áreas.

<https://soundcloud.com/user-593542956/gravacao-290116>

(Gravação de Tiago Costa // Usar fone de ouvido)

Voltamos para casa e o Tiago ouve a gravação. Fazemos uma pequena conversa sobre este processo. Sentámo-nos à mesa para almoçar e tento explicar à mãe do Tiago a minha pesquisa e o que envolve o processo de gravação binaural: a cabeça é um filtro que permite criar uma imagem 3D durante o processo de gravação. Eu próprio tenho uma compreensão limitada sobre este processo.

<https://www.youtube.com/watch?v=Yd5i7TlpzCk>

Acabamos por ter uma tarde mais calma. Eu ainda um pouco excitado, decidido sair para fazer alguns testes com a câmara que eu comprei para documentar o meu trabalho de pesquisa. O Tiago e a mãe dele sugerem que eu vá visitar o rio.

Faço uma pequena gravação pela cidade usando um mecanismo que me permite prender a câmara à cabeça. Seguindo as indicações deste encontro o rio (Tietê) e marginal, vislumbro no meu lado direito um campo de futebol.

A cor da água tem é bastante castanha e existe um cheiro que não consigo explicar. Parece que em tempos se poderia tomar banho nesse curso de água, que existira inclusive um clube de natação. Com o passar dos tempos isso deixou de ser possível, mas ainda existe uma celebração religiosa donde dois barcos se encontram num determinado lugar.

<https://www.youtube.com/watch?v=Z080x83EY18>

O rio tietê passa por São Paulo. Encontro um pequeno palanque, – perto de uma área de construção – e inadvertidamente ouço uma conversa sobre qual é a maior claque de futebol no país. O sono e cansaço bate forte e decido voltar para casa. Tento transferir os ficheiros para ver os vídeos. O computador tem problemas em fazer o playback dos videos devido à resolução. Desisto e adormeço.

Acordamos para jantar e depois disso vamos dar uma volta pela cidade. Quando eu digo volta, foi literalmente andar às voltas por entre alguns quarteirões que circundam a praça central. A conversa está boa e continuamos bebendo umas cervejas na varanda da casa do Tiago. Não sei se foi nesse dia, ou no outro a seguir, mas comentamos a falta de representatividade de alguns grupos na cena de música experimental paulistana.

O Tiago também me pinta um mapa dos selos existentes. Decidimos que talvez fosse um bom projeto ter um selo de field recording local, pois não existia nenhum no Brasil. Rimo-nos com a possibilidade de o projeto ser rentável ou fiável – a expressão utilizada na descrição deste tipo de projetos ao longo da noite é ‘fazer por amor’.

Combinamos acordar cedo, para fazer a nossa primeira gravação do dia e apanhar os passarinhos a cantar. Adormeço ao som do drone da ventoinha que me refresca.

DIA 2

Eu tinha uma ideia para um possível projeto de colaboração entre nós, e tinha inclusive enviado um plano para o Tiago. O projeto passava uma ideia conceptual de cruzar a nossa colaboração, com os fundamentos técnicos do processo de gravação binaural.

Apercebi-me que seria demasiado complexo e que não queria condicionar tanto o nosso encontro e processo de gravação durante o fim-de-semana. O foco agora, e tanto quanto possível, seria documentar o trabalho do Tiago.

O despertador toca, e eu preparo o equipamento de vídeo e áudio. Os dois temos um ar cansado, mas estamos com boa disposição. A ideia é gravar o percurso/gravação que o Tiago vai fazer — então monto a câmara na cabeça e o Tiago coloca os microfones binaurais; por alguma razão o gravador dá algum problema com o cartão, mas consigo solucionar o problema.

<https://www.youtube.com/watch?v=GhFN7XBm8qs>

(Gravação de Tiago Costa // Usar fone de ouvido)

Voltamos para casa e voltamos a dormir — temos de descansar, pois mais logo vamos fazer mais algumas gravações. Eu tento, mas acabo por dormir pouco. O calor aperta e levanto-me da cama para tomar o café da manhã. A mãe do Tiago já se encontra à volta de alguns afazeres da casa. O dia está bonito.

Estou ansioso pelo o que vamos fazer à tarde. A área é bastante bonita, com os seus canaviais de açúcar que se espalham por todo o lado.

Era para ser mais cedo, mas o amigo do Tiago deu a sugestão de nos encontrarmos depois do almoço. Assim foi, mas ao sair começa a cair uma chuva imensa. De qualquer maneira, saímos em direção a uma terra do qual eu me esqueci do nome. Ficamos a fazer tempo, mas decidimos gravar também um pouco o interior do carro e o momento da nossa espera por uma meteorologia mais simpática.

Quando a chuva para. Encontramos o Marco, uma pessoa extremamente gentil e simpática. No caminho, explico o que estou a fazer em termos de projeto de pesquisa, e depois lhe empresto o gravador para ele ouvir como soa uma gravação binaural – ele diz que parece que está mesmo a acontecer à volta dele. Discretamente, eu gravo a conversa deles e brevemente deixo-me levar por histórias sobre amigos e programas de tv onde discutem a natureza da ‘dor’.

<https://soundcloud.com/user-593542956/conversamarcos>

(Gravação de Rui Chaves // Usar fone de ouvido)

Entramos num caminho de estrada e chegamos ao local onde vamos gravar. Temos de saltar uma cerca, e os meus sapatos ficam cheios de lama. Aliás, toda a nossa roupa vai ficar molhada ou suja. No final, o carro da mãe do Tiago vai sofrer as consequências do nosso intrépido passeio. Para além disso, não cheguei a perceber com detalhe se é possível ou não entrar no território que vamos explorar.

A paisagem é linda e andamos (a saltar mais algumas cercas) até chegar ao rio. Aí paramos para fazer outra gravação. Não sei se será da chuva, mas a água tem uma cor castanha intensa e o céu ainda se encontra nublado. Apanhamos principalmente o som deste curso de água.

Após acabarmos, o amigo do Tiago vai fazer uma gravação – e desaparece por uns bons minutos. :)

<https://soundcloud.com/user-593542956/passeio-marcos>

(Gravação de Marcos André Lorezenti // Usar fone de ouvido)

Ficamos um pouco preocupados, mas ele chega a dizer que temos de mudar para outro lugar – que para ele é mais interessante. Um percurso que seria mais rápido, é evitado pela possibilidade de existência de aranhas ou cobras.

Começamos a andar e passamos por um rancho donde encontramos uma família a preparar um churrasco. O Marcos, que antes não comia carne mas agora passou a comer frango, pergunta ao Tiago se este sente alguma falta. Este diz que não. Aliás, acho que ele (Tiago) secretamente ficou desiludido por eu também não ser vegetariano.

Chegamos ao leito do rio, e por alguma razão que me escapa seguimos por um percurso sui-generis e um pouco complicado para quem está carregado de material. Vou ter que molhar o corpinho! Assim foi, mas o Tiago e o amigo ajudam com a mala. :)

Chegamos a uma pequena ilha de rochas e fazemos mais uma sessão de gravação. O tempo agora abriu e está muito agradável. Os dois vão para a água e eu entro um pouco com o intuito de fazer um ‘shot’ em video da situação. Sinto-me na obrigação de ir tomar banho também, apesar de estar com uma atitude bem fóbica de germes, bactérias, vírus ou vermes que possam existir na água.

A conversa segue o seu rumo e discutimos a experiência de tomar substâncias alucinogénicas – ao qual parece sou um total novato. Olho para o lado e vejo um cano, o amigo ri-se e suspeita que seja um esgoto. Sempre fóbico, eu pergunto se a água é limpa? Ele diz:

-Limpa, limpa, nunca é!

Mas diz que nunca passou mal, talvez tenha apanhado um verme ou outra coisita qualquer.

<https://www.youtube.com/watch?v=SbTpHtzvaI4>

Sáímos, mas desta vez é mais atribulado. Punho mal o pé, e caio de costas numas rochas. Felizmente nada ficou muito molhado do equipamento e fico só com umas marcas no pé para lembrança.

Chegamos a casa, tomamos um duche e jantamos. Ficamos o resto da noite a falar.



TIAGO COSTA:

Em meados de novembro passado fazia um calor forte no interior. Estava na cidade de Tietê, minha cidade natal, cerca de duas horas a oeste de São Paulo. Lembro de estar em casa, do ar seco da época e que sons ao redor chamavam-me atenção. O mais particular deles era o forte som das cigarras.

Me interessou captá-los e imaginei-me em uma situação de gravação de campo no meio da mata que adensa há alguns metros de casa, dando ênfase às histórias sonoras das cigarras que intensamente pronunciavam-se naquele novembro quente.

Vinha escutando alguns trabalhos bem interessantes utilizando microfones binaurais e comecei a sondar os colegas que utilizavam desse mecanismo em seus trabalhos. Foi quando entrei em contato com o Rui.

Rui está desenvolvendo uma pesquisa sobre arte sonora brasileira e para isso entrevista e documenta uma série de artistas que trabalham com som. Parte do seu processo consiste em passar algum tempo com eles, a documentar o que costumam fazer ou projetar intervenções. Explicando minhas intenções, Rui se interessou e me convida para realizarmos uma prática pelo interior.

Por motivo de agenda nosso encontro precisou ser marcado alguns meses depois da conversa, e infelizmente as cigarras não apresentavam-se mais sonoramente como antes.

De qualquer forma, mantivemos a intenção do encontro e durante o mês de janeiro conseguimos combinar um final de semana para realizar a vivência.

Fomos para Tietê no dia 29 de janeiro e o passeio sonoro aconteceu em duas etapas. A primeira logo ao chegarmos à cidade. Munidos com o gravador e microfones binaurais auriculares, visitamos os arredores da mata nas proximidades do bairro Seis Irmãos.

Antigamente aquela região tinha algumas poucas chácaras, e hoje, mesmo que tenha dado lugar ao perímetro urbano, ainda mantém uma considerável área verde nativa – parcialmente nativa, haja vista a presença de eucaliptos e tubulações em determinados pontos que despejavam esgoto a céu aberto no Ribeirão da Serra.

Nessa caminhada realizamos um primeiro teste com a gravação binaural e encontramos uma narrativa a ser efetuada no dia seguinte. A narrativa consistiu em enfatizar os “primeiros” sons da manhã, realizando o passeio pelo perímetro urbano até algum momento que adentraríamos na mata para uma apreciação mais contemplativa.

Além da mata, alguns sons urbanos durante o passeio foram registrados. Também ocorreu dentro de um carro a caminho do próximo campo de gravação. Decidimos na hora aproveitar e registrar nossa viagem que contou com uma breve chuva, sons mecânicos do carro e nossas conversas casuais.

<https://www.youtube.com/watch?v=xR4WUNE9Cos>

(Gravação de Rui Chaves // Usar fone de ouvido)

A segunda etapa aconteceu na cidade vizinha, Cerquilha. Este era um plano paralelo às cigarras e foi realizado às margens do rio Sorocaba. Lugar com menor intervenção humana e de correnteza forte, exigia apoio de alguém que conhecesse o local. Convidei meu amigo Marcos para nos acompanhar. Ele praticou canoagem e frequenta o trecho regularmente – além de construir uma relação de particular proximidade com o rio. Durante a viagem ele nos conta sobre a vivência que teve ao passar uma noite à beira do rio apenas com sua rede. Relatou como a experiência sonora noturna mexeu com sua percepção.

Segue seu relato.

“Uma vez eu vim dormir aí no rio.. na rede, e durante o dia o som da água é harmônico, mas a noite ele se torna muito intenso. E por estar de noite e nossa percepção ficar mais aguçada, mais alerta, porque pode ter algum animal

perto, então qualquer barulho a gente já fica mais alerta. E teve horas que a experiência do barulho da água se tornou tão intenso que chegava até a alterar a consciência.. era incrível .. porque é um barulho constante, né.. a correnteza é constante.. e se você não se sentir preso você se liberta.”

<https://www.youtube.com/watch?v=21-TM9YYLEY>

(Gravação de Tiago Costa // Usar fone de ouvido)

O registro sonoro que foi feito naquela tarde captou um rio com forte presença na constituição daquele espaço acústico, tomando de cenário o conteúdo sônico quase por completo. Depois das gravações, demos um mergulho e conversamos até o final da tarde.

<https://soundcloud.com/costatiago/passeio-sonoro-tietecerquilho>



trazendo a técnica, trazendo à técnica

Caio Kenji

1- Pensando que arte pode ser um recorte que se quer evidenciar por n motivos. Emoldurar o interesse, magnetizado por um sensível particular, que se crê digno de atenção, ainda que esse foco seja a sua própria deturpação, por exemplo.

2- Dirigir-se à um público contido em uma sociedade e pensar: “Quão dentro da sociedade eu devo confiar que estou, para que seja lá o que eu faça, ela (essa “uma sociedade”) esteja garantidamente contida na obra que realizo?”.

3- Opensource e seu motor coletivo apontando outras relações sociais.

Recorta-se sons, recorta-se eles da música, dispensa-se a música, agora o que se quer mostrar é aquele som que “eu esperava ouvir toda vez que aquela faixa tocava”. Fazer uma colcha de retalhos de música, retalhos de momentos sonoros para os quais “não tenho paciência de ouvir toda a música” que os contém.

Em tempos de hedonismo digital, onde se tem quase tudo o que se quer tão logo o desejo venha, poder avançar uma timeline, e dispensar o discurso em sua totalidade, pode gerar novos discursos, o discurso montado por seu ouvinte, este que interage, (re)cria e desfruta ele mesmo. Esse cenário particular/peculiar, condicionado pelas tecnologias que o propiciam, é no mínimo interessante, uma vez que tem o poder de colocar autor e público no mesmo patamar e, quem sabe, eliminar essa barreira que hoje, por um lado, ainda é muito valorizada, mas por outro, já mostra sinais de que não há de resistir aos avanços tecnológicos e suas implicações na forma de se fruir, ou desprezar, um obra.

Na arte, os passos nessa direção ainda são incipientes, falta domínio da técnica/tecnologia. É difícil avaliar, por uma questão temporal, se as mudanças ocorrem muito freneticamente, e por isso não se tem o tempo de assimilar as ferramentas sempre novas, e/ou se somos muito resistentes à algo que, ao mesmo tempo que nos é indispensável, nos aparenta ser místico. Tampouco este novo paradigma parece permear, como acontece em tudo aquilo fora da vida do “personagem artista”, o pensar sobre para qual sociedade se está fazendo arte, penso na música, onde novas ferramentas são criadas e utilizadas mas ainda apresenta-se muito dentro do formato de concerto (“eu aqui, aceitando, eles lá, me falando”). Não obstante, também penso nas ruas e nos artistas de grife. Criou-se, no século XIX, um altar do qual, me parece, muitas posturas de determinados “setores” do meio artístico não querem abrir mão.

Em contrapartida, os esforços vindo na direção de quem aproxima a técnica para torná-la mais acessível estão sendo feitos, correm soltos no seu ambiente (na comunidade virtual) de maneira muito mais horizontal. Busca-se auxílio para solução de problemas de ordem técnica e enriquecem-se as discussões, nutrindo o cerne criativo que é o pensamento coletivo que dele mesmo se alimenta e abarca quem quiser adentrar. Em comparação relativamente lúdica, as piadas de internet são o novo work in progress coletivo. Arrisco dizer que nossa estrutura social ainda há de lidar com grandes aforismos vindos dessa comunidade virtual... Em forma de GIF!

a mão invisível me faz carinho quando quer algo para comer

Lucas Rodrigues Ferreira

Vocês estão histéricos.

Toda vez que um amigo me fala que não quer se vender, vocês estão histéricos.

Não se vender é a música pura, a ideia da burguesia romântica, fãs de Liszt e de Beatles, vocês estão histéricos.

Nossos país tem dinheiro para bancar tamanho real compromisso com a arte? Vocês estão histéricos.

[<https://www.youtube.com/watch?v=57AxFcoaO6E>]

Acho que todos nós devíamos assumir que a música experimental é uma profissão de gente rica privilegiada, parar de andar com essas camisas furadas de bandas e tocar de camisa pólo rosa.

É que nem o jogo de tênis das moças inglesas vitorianas durante a invasão britânica da Índia. Época em que o diagnóstico clínico de “histeria” era comum.

Brincando de ser outsider, financiado pela fapesp.

Achando bonito ser feio. Escondendo o que é de verdade feio (ser sustentado pelos pais aos 25 anos).

Além dos que acham que comprar coisas resolve algo.

A fita-cassete é o brigadeiro caseiro gourmet hand-made.

Guitarras sólidas de madeira de lei. e o famigerado “amp valvulado”.

Ou ainda acreditar na enorme linha histórica que permitiu que seu trabalho tenha sido como foi. Dizer que tal é importante, referenciar tal, tornar-se, portanto, numa incontestável lógica, importante também.

Sou culpado dessas coisas, acho que a gente deveria assumí-las. A gente gente que faz essas músicas. Não estou descobrindo nada novo. Não se gosta de assumir o erro como parte da performance? O glitch? O ruído? Somos esse ruído psico-social então. Não que nenhum ente externo se importe, mas é importante que conheçamos a nós mesmos, não? A personagem é definida pelo conjunto de suas ações. Mas não romantizem “eu sou o glitch”.

Mercado Livre quer dizer Free Market que quer dizer Livre Mercado.

the shaggs - philosophy of the world

Caio Kenji

Resenha para o álbum *Philosophy of the World*, do grupo The Shaggs, lançado originalmente em 1969 pela Third World Records [TCLP3001], relançado em 1980 pela Rounder Records [3032] e em 1999 pela RCA Victor [09026 63371-2].

<https://www.youtube.com/watch?v=jQgK1CjE9bA>

1. “Austin era terrivelmente supersticioso. Sua mãe gostava de prever a sorte. Quando ele era jovem, ela estudou sua palma da mão e disse a ele que no futuro ele casaria com uma loira de cabelo avermelhado e iria ter dois filhos os quais ela não viveria pra ver, e que suas filhas tocariam em uma banda. Seus augúrios foram confirmados. Annie era uma loira de cabelos avermelhados, e ela e Austin tiveram dois filhos depois que sua mãe morreu. Sobrou a Austin realizar a última das predições da sua mãe, e quando suas filhas eram velhas o suficiente ele contou-lhes que iriam fazer aulas de canto e música e iriam formar uma banda.” [Susan Orlean, *Meet the Shaggs*, *The New Yorker*, 27 setembro de 1999]

Algumas fontes também citam que a banda iria ser uma banda de sucesso – “vocês serão as maiores garotas da América”... ou isso era uma consequência de se ter uma banda, na mente de Austin. De qualquer modo, era preciso disciplina e determinação. Dorothy, Helen e Betty foram retiradas da escola presencial, de modo a ter mais tempo para ensaios musicais, de manhã e à tarde

na garagem; tinham também de praticar canções para Austin após o jantar, e então exercícios físicos por uma hora antes de dormirem (uma banda precisa manter a forma). Os cursos normais eram feitos por correio. Aulas de música eram feitas em Manchester, a alguns quilômetros.

Austin dirigia, elas obedeciam. Às vezes furtavam ensaios, iam ao lago. Mas normalmente não. Seguiram assim, seis dias por semana, sem grandes referências musicais nem vida social. Fremont, em New Hampshire, ainda é uma cidade pequeníssima, e hoje abriga menos de 5 mil habitantes. A vida era pacata e familiar. Não havia muita vida cultural, e nem muita informação para influenciar as composições das Wiggin.

É dito que, ao crescerem, as irmãs mal eram permitidas ouvir música. Assim, de fato, é como se essas adolescentes tivessem que reinventar a música. E então praticar por anos, de modo que isso se desenvolveria em um estilo de menina adolescente ignorante, mas que era incrivelmente estruturado. [Josh Alan Friedman, 2011]

A primeira apresentação se alguns anos depois do início do estudo (as fontes variam – Chusid, *Songs in the Key of Z: the Curious Universe of Outsider Music*, de 2000, p.3, aponta apenas 1 ano. Outras fontes chegam a sugerir até 5 anos). Foi em 1968, em um show de talentos. As garotas não queriam tocar e não se sentiam preparadas. Tentaram um cover, uma música country conhecida. O público jogou latas de refrigerantes nelas. Era preciso praticar mais. Logo Austin estaria a marcar apresentações semanais no salão da cidade, nas noites de sábado. A família inteira ajudaria, e haveriam, claro, regras.

2. (Duas das 5) Regras para as danças “Guedelhas” em Fremont, por Austin Wiggin Jr.

1. Uma vez que você tenha pagado a entrada para a dança, você não deve sair do salão até que seja hora de ir embora, ou então você deverá pagar a taxa de entrada novamente.

2. Não haverá corre corre constante subindo e descendo as escadas. As únicas razões para descer as escadas é ir até o porão, fumar um cigarro, e nos intervalos. [Jon Ronson talks to The Shaggs, 18'10"]

Em 1970, Harry Palmer, um executivo veterano que trabalhava com selos e gravadoras musicais, após ouvir o álbum lançado em 1969, se interessou pelo Shaggs e cogitou relançá-las. Mostrou as músicas para seu colega Ron Eyre, chefe da divisão internacional da United Artists, que riu mas ficou intrigado. Ouviu dele: “é aborígene. Soa como coisas que eu ouvi na China (...)”. Sonhando em capitalizar e difundir a produção do grupo, Palmer visitou uma dessas danças. “Elas soavam exatamente igual à gravação. Era inacreditável. Os locais iam e dançavam de um jeito meio que desajeitado, arrítmico, tipo Noite dos Mortos Vivos. Era cretino. Eu lembro de pensar, ‘Como é que alguém dança essa música?’ Mas eles dançavam!” [Chusid, p. 8].

Percebendo que as pessoas não levariam a sério o projeto, ficou com a pulga atrás da orelha e desistiu. No entanto, não foi o único a encontrar o espectro do sucesso futuro das Shaggs.

3. Em 1969, já era hora de ir ao estúdio. Um dia inteiro de gravação. Para as garotas, o clima era de “vamos terminar logo com isso e cair fora”. Mas Austin não facilitaria. Dizem que, anos depois, sorriu após finalmente o Shaggs acertar e tocar direito a canção título do álbum. Naquele dia, entretanto, era dar o melhor de si. Os técnicos de gravação, não entendendo a situação, se trancaram na sala de monitoração, a fim de rir e ter compaixão à vontade (“eles estavam gastando vários dólares a hora pra produzir aquilo”). Na etapa de mixagem, tentaram melhorar a coisa, porque a bateria parecia estar sempre um pouco fora. Mas perceberam que melhorar só pioraria.

A bateria é sempre um pouco aquém, ritmicamente. Gravada numa sala isoladamente, anda isoladamente. A guitarra de acompanhamento tem suas

cordas desafinadas – os dedos fazem as figuras básicas, mas o som dos acordes é consistentemente erradinho; existe também uma certa latência – um espera que eu te espero corrigido por um correr atrás. A guitarra solista toca em homofonia com a voz a maior parte do tempo, mas frequentemente está mixada de modo a se confundir com a de acompanhamento, gerando um certo descompasso interno no som de guitarra. A quadratura está, presente, mas como um fantasma (assim como a predição de fama: algo que alguém disse, que motiva, que mantém a coisa mas não se manifesta claramente); as frases são aqui e ali levadas pela prosódia ou por equívocos de necessidades de respiro e ligação. A voz esganiça e o timbre aperta mas não se pode dizer que não canta o que deve. As dobras de voz variam num arremedo de algo que deu errado, mas que com o jogo dos vocais de apoio, parece construir sua lógica própria. As letras, excetuando talvez *philosophy*, tem um clima adolescente pueril e interiorano, de boa moça, de modo que, bastante grudentas, acabam sendo também estranhas, num sentido supersticioso. Seu encanto e traquinagem emergem, mas não são premeditados.

Das 1000 cópias, há histórias e controvérsias sobre o fato de que apenas 100 circularam. Austin ficou decepcionado. Mas a banda continuou. A fama viria. Em 1975, com sua morte, parecia que não, e a banda desfez-se. Perderam o coração (Austin teve uma parada cardíaca). Chega, agora era ter outra vida, casar, ter filhos, trabalhar, essas coisas. Estava acabado, só que não. Há coisas que demoram a começar. E a vida da gravação estava em sua infância.

4. Cerca de dez anos após o lançamento do álbum, Terry Adams, cantor da banda de blues com flertes leves pelo alternativo, NRBQ, por amor ao álbum, fez com que sua gravadora Rounder Records relançasse o LP, e depois um compilado incluindo gravações de 1975, ao vivo e caseiras. O CD *The Shaggs Own Thing* circulou entre muitos, mas o seu maior profissionalismo e a presen-

ça de diversos covers razoavelmente bem tocados, ou nem tanto, mas nem tanto nem tanto, gerou opiniões não tão entusiasmadas.

Era 1982. A bateria, de 69 a 75, entrara mais na música. A guitarra de acompanhamento, conseguia estar mais consistentemente afinada. Mesmo assim, *Wheels* contém maravilhosos vacilos e extensões ao final. Gravações tem disso: você pode repeti-las inúmeras vezes, e em todas, haverá vacilos. Repita *Yesterday Once More* várias vezes e as dificuldades de encadear as palavras sem corridinhas, as pequenas antecipações e as fissuras na textura estarão lá de novo e de novo, na música dos *Carpenters*. Se você esquecer de comparar com o original, será que para de perceber esses desvios? Provavelmente não: teria de esquecer toda a tradição do pop rock sessentista e setentista.

Durante todo o *The Shaggs Own Thing* a percepção se ancora muito mais nos modelos genéricos que construímos do que seria uma canção da época, do que no *Philosophy of the World*. Proximidade. Lembro do trecho de *In the Blink of an Ear: Toward a Non-Cochlear Sonic Art* (2009, p. 203), em que Seth Kim-Cohen discute uma das gravações do clássico de Bob Dylan, *Like a Rolling Stone*:

Dá para sentir pena dos músicos. Parece injusto tocar com um homem como Bob Dylan. Eles podem ser vitimados; Dylan pode optar por uma versão da canção que falha em mostrar seus talentos. Músicos perfeitamente bons podem ser imortalizados tocando de modo incerto e desleixado num álbum que vende aos milhões e é tocado no rádio cinco, seis ou sete vezes mais nos 40 anos desde de seu lançamento.

Mas as *Shaggs* não seriam imortalizadas por tocarem mal. Elas seriam lembradas por tocar especialmente mal, certo. Mas, pra usar um cacoete deleuziano, muito mais por gaguejar o rock de 1960. “Melhor que os Beatles”, sim, conforme a célebre frase de Frank Zappa numa enquete da *Playboy* de 1976.

A filosofia do mundo: quem toca bem quer o que quem toca mal tem. Weasel Walter que o diga: escapar da realidade (e eu recomendaria o álbum não tão facilmente encontrável Anti-Karaokê).

5. As irmãs descompostura: assim melhor denominadas. Seu rock não era questão de simplesmente usar as perucas (wigs) dadas pelo pai. Não eram cadelas com lindas guedelhas. A foto da capa de Philosophy mostra a estranheza de um desarranjo constitutivo, um deslocamento não confortável, mas que, quando em ação, age seriamente. Discordo de que as Shaggs não fossem auto-conscientes, que não tivessem noção do que estavam fazendo. Elas estavam fazendo o melhor que podiam e sabiam disso. E não achavam sequer bom o melhor que podiam. Mas certamente não sabiam fazer de outro modo e tentavam a sério. Não se preocupavam demais com isso. Deviam fazer tal qual Austin dizia (vinham dele as perucas). Tinham a bagagem que tinham e o mais importante, e isso sim passaria despercebido: tudo isso garantiria a sorte de principiante, o acontecimento único que viria a ser o álbum de estréia.

Quando Terry as encontrou, pensando que eram “náufragas em sua própria ilha”, Dot perguntou, “mas relançar por que e para quê?” E emendou: “eu continuo achando ruim” [a música].

Mas muita gente achava bom, bom mesmo: na década de 90, o álbum se popularizara, circulando com seus relançamentos. Kurt Cobain o listaria como o seu quinto álbum predileto. Constaria também na lista de 1996 da Rolling Stone dos 100 mais influentes da história humana. O destino havia chegado, coroando o passado.

6. Andy Newman, num guia de gravação alternativo, da revista Spin, de 1995, comenta:

Pela essência do The Shaggs ser a total falta de auto-consciência e olvides em relação ao gosto das pessoas – qualidades não existentes no mercado

musical moderno e por definição impossíveis de adotar conscientemente – seus sucessores putativos realmente não tem o que fazer com eles. Como todos os verdadeiros loucos, as Shaggs são geneticamente incapazes de prover uma descendência; a trilha que brilhou foi um beco de saída. [Chusid, p. 11]

Mas será? Opinião apressada essa, não?

O nome do meu colega nome é Pata Pata Eu nunca acho ele em casa Pata Pata Para não vive aqui não mais Eu Desejaria poder encontra-lo Eu olhei aqui, eu olhei ali Eu olhei em todos os lugares Oh Pata Pata, onde posso achá-lo?

Só que elas nunca tiveram um gato, apenas uma bateria fazendo uma linha paralela beirando o lunático.

<https://www.youtube.com/watch?v=f7tq6WRuBkc>

Oh as garotas com o cabelo curto querem cabelo longo E as garotas de cabelo longo querem cabelo curto Oh, e os garotos com carros querem motocicletas E os garotos com motocicletas querem carros.

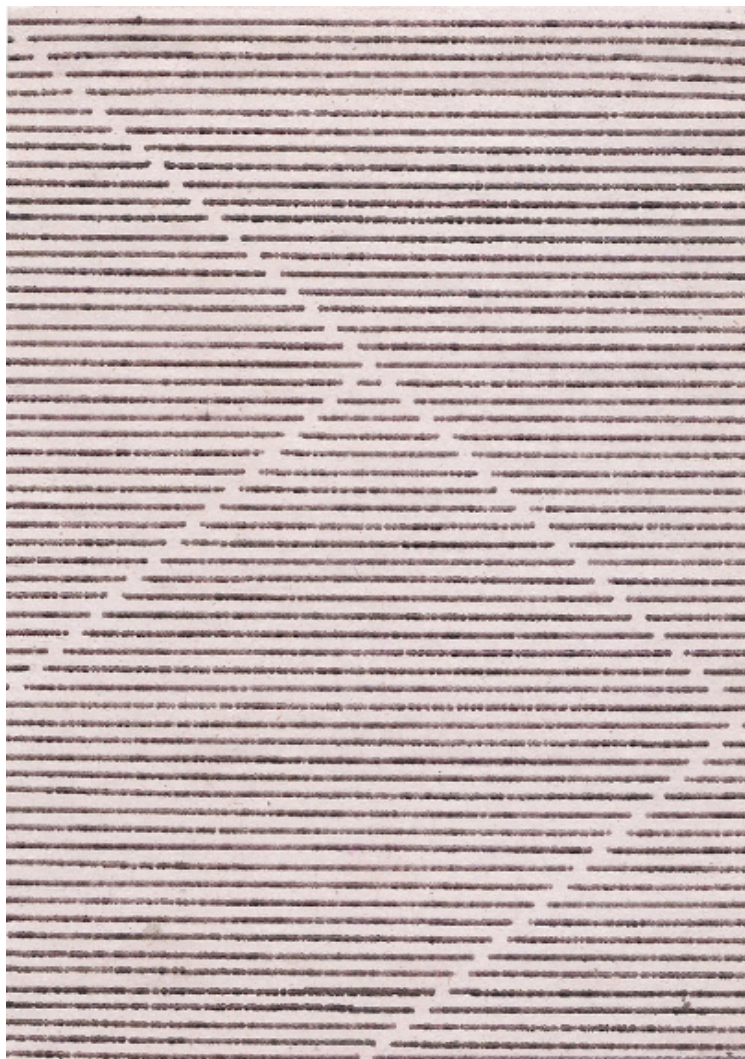
Você nunca vai agradar ninguém nesse mundo Não interessa o que você faça Não interessa o que você diga Sempre ira existir Alguém que quer as coisas do outro jeito Não importa onde você vai Não importa quem você veja Vai sempre existir Alguém que discorda.

Nós fazemos nosso melhor Nós tentamos agradar Mas nós somos como todos Sempre que à vontade.

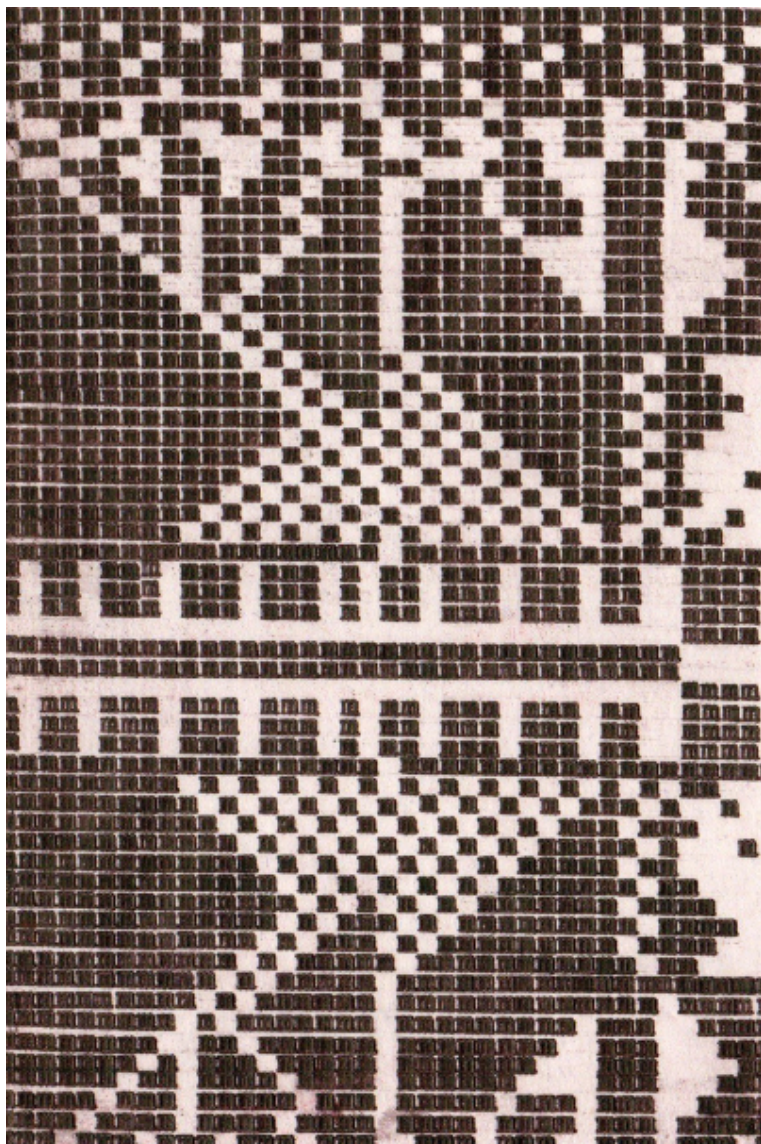
Mas ser não é fazer, ainda bem.

dáctilo-imagens

João Reynaldo



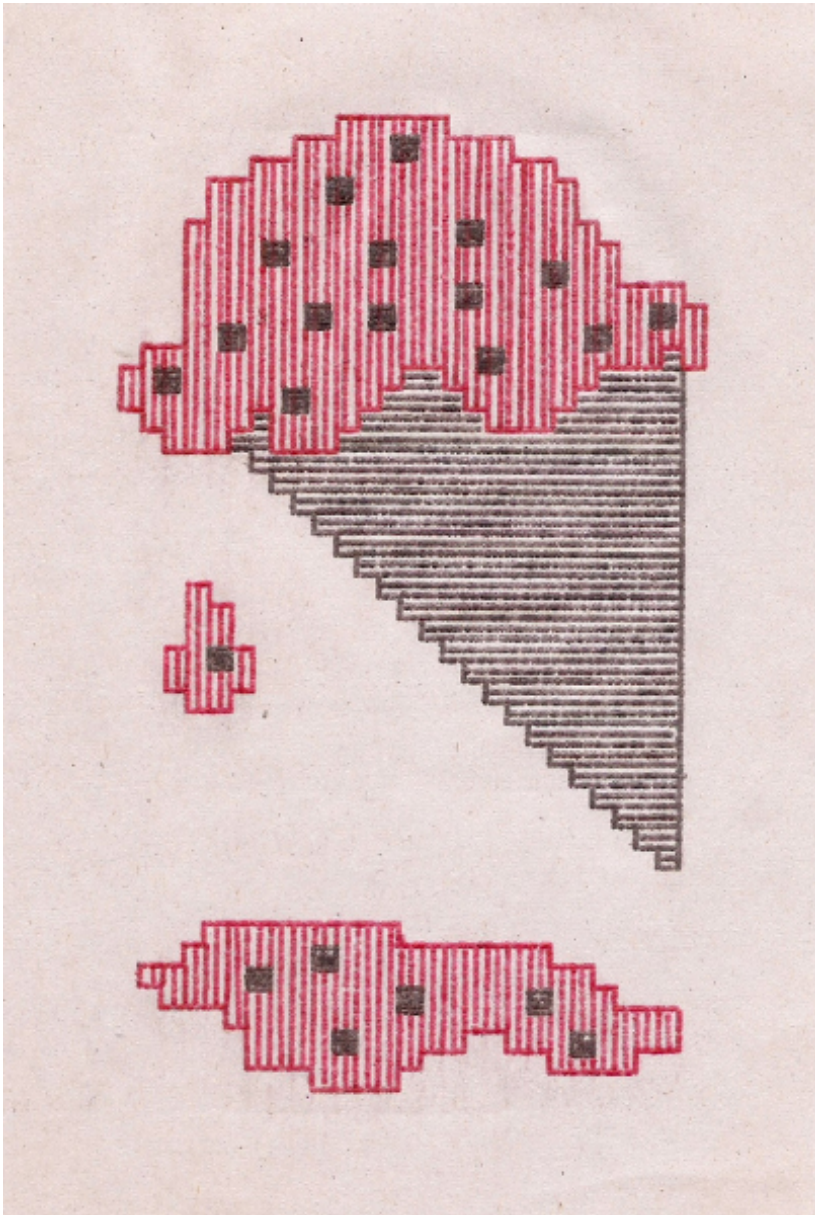
sem título –
imagem de fundo
joão reynaldo –
costapaiva@gmail.com



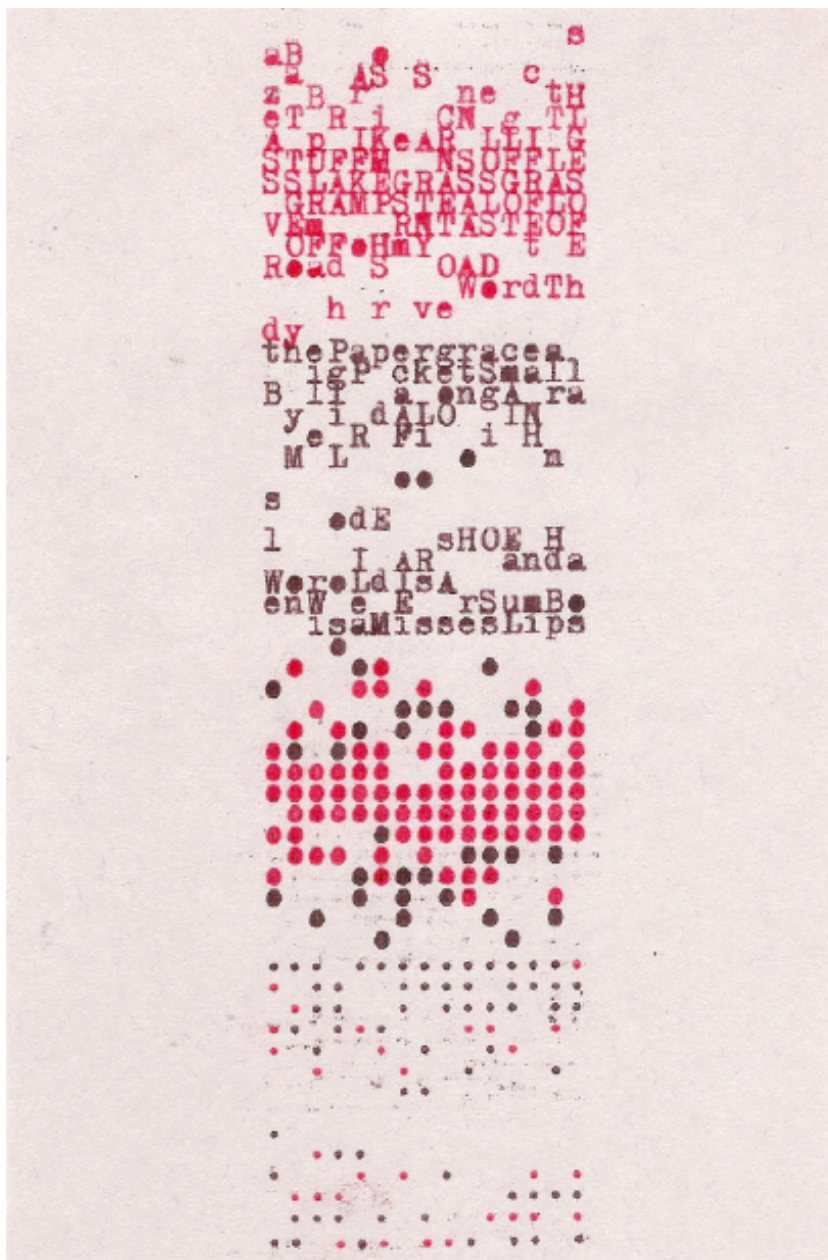
sem título
joão reynaldo –
costapaiva@gmail.com



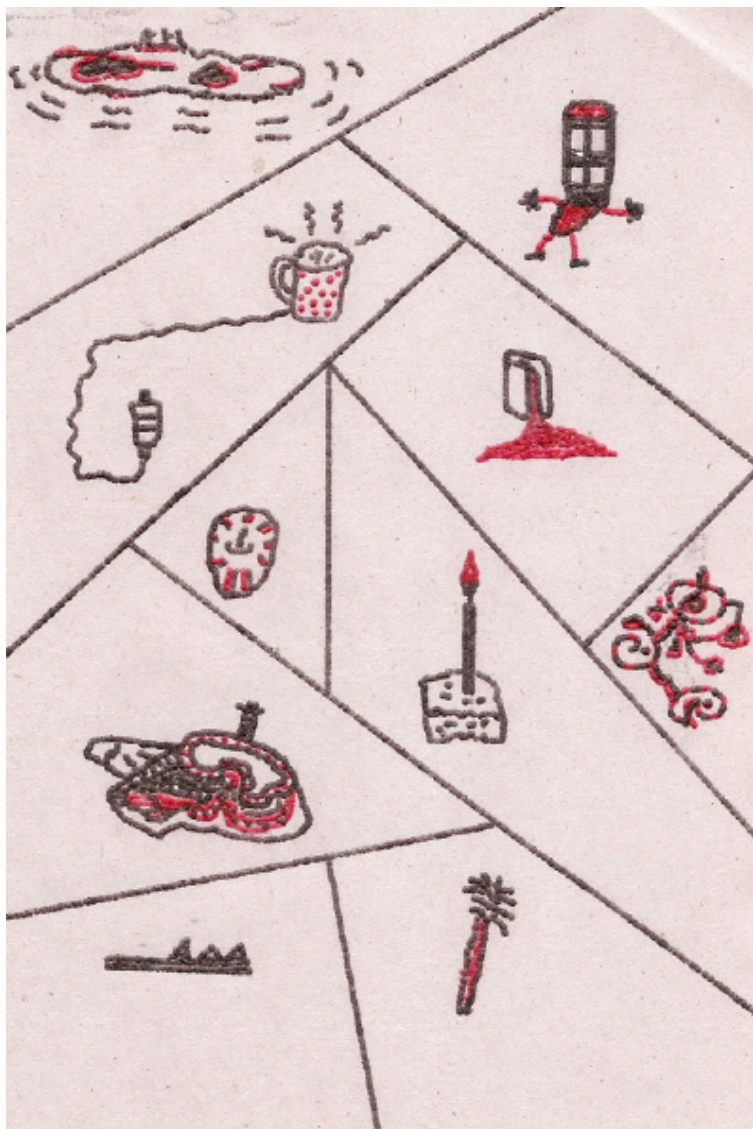
sem título
joão reynaldo –
costapaiva@gmail.com



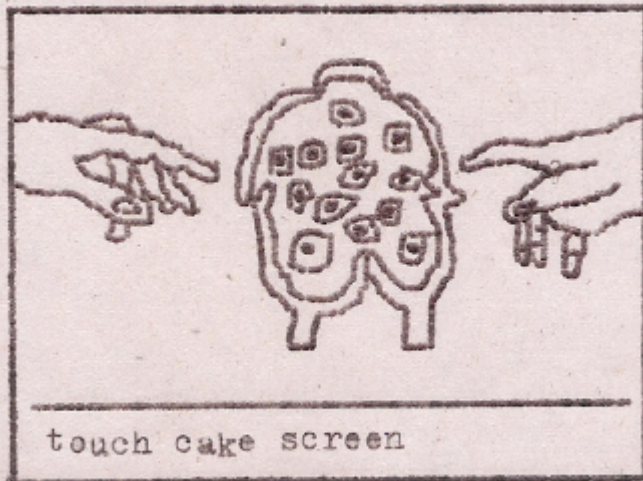
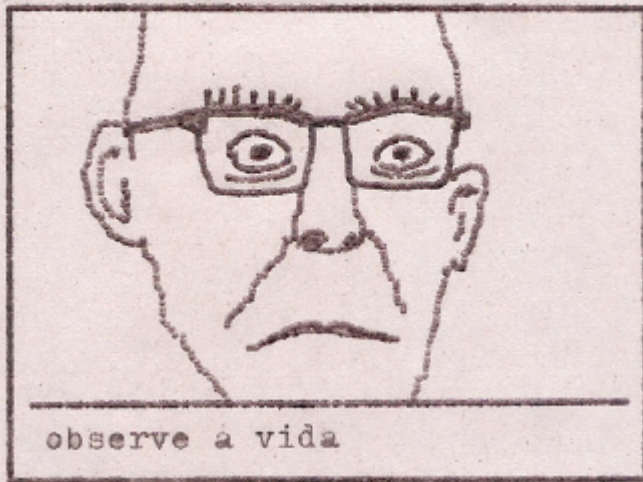
vendido para o masp
joão reynaldo –
paivacosta@gmail.com



thePapergraceas
joão reynaldo –
paivacosta@gmail.com



sem título
joão reynaldo –
paivacosta@gmail.com



touch cake screen
joão reynaldo -
paicacosta@gmail.com



beautiful in death.
joão reynaldo –
paivacosta@gmail.com

Publicado originalmente em formato virtual (website) no dia 10 de abril de 2016

Sobre a linda

A revista digital linda foi criada em 2014 como parte das atividades coordenadas pelo coletivo de música eletroacústica NME, ativo entre 2011 e 2018. Ao longo de mais de 50 edições, a revista reuniu autores de diversas regiões do Brasil e do exterior em torno do que se buscava caracterizar como uma cultura musical eletroacústica. Além de funcionar como um veículo de comunicação e espaço criativo de experimentação artística para os membros do coletivo, a revista buscou criar interlocução entre as cenas de música experimental de diferentes regiões do país, expandindo sua rede de colaboradores para além do estado de São Paulo. Por razões técnicas a linda foi retirada do ar em 2021. Com este projeto de reedição, a enorme quantidade de textos produzidos torna-se novamente acessível ao público em geral.

Coordenação Geral: Gustavo Branco, Julia Teles e Fernando Iazzetta

Diagramação: Elisa Bosso Fernandes e Ana Clara Gimenez

Apoio: NuSom e Berro

NUSom
NÚCLEO DE
PESQUISAS EM
SONOLOGIA

BERRO

